

**UMA MENTE COM DEMÊNCIA OU CRIMINOSA PODERIA
LEVANTAR OS SEGUINTES QUESTIONAMENTOS**

E se a criança é..., e se a mãe é..., podemos matar a criança?

Esta não é uma conversa entre bandidos, mas perguntas e respostas entre profissionais de saúde: médicos ou enfermeiros, estudiosos da bioética, e também filósofos, cientistas, geneticista, psicólogos ou assistentes sociais e políticos que fazem as leis e autorizam esta matança.

E eles dizem que sim, que existem casos onde é necessário matar a criança. Para todas as mães e pais desinformados ou amedrontados, a seguinte recomendação:

“NÃO ACEITEM CONSELHOS DE QUEM NÃO CONHECE E NÃO AMA A DEUS, PROCUREM O SACERDOTE E PESSOAS AMIGAS QUE TENHAM O AMOR DE DEUS NO CORAÇÃO E ENTENDAM O QUE O “PAI DO CÉU, SENHOR DA VIDA” HOJE QUER VOS DIZER”.

E durante o nascimento?

Se para a Suprema Corte norte-americana, a criança é coisa antes de nascer e pessoa depois de nascer, surge uma questão: e quando a criança está nascendo? Quando ela já saiu parcialmente do organismo materno: ela é coisa ou é pessoa? Neste caso podemos matá-la?

Alguém com demência poderia fazer esta pergunta, mas infelizmente essa é uma realidade. Nos Estados Unidos é comum uma prática conhecida como **"aborto por nascimento parcial"**.

É praticado quando a criança está com idade gestacional avançada, de seis a nove meses, já virada para baixo, esperando o momento do parto.

Com o auxílio de um aparelho de ultra-som, o aborteiro agarra as pernas do bebê com um fórceps. Elas são puxadas para fora através do colo uterino. Quando todo o corpo já saiu (pernas, braços, tronco) e apenas a cabeça está dentro da mãe (um detalhe: a criança está viva!), o aborteiro enfia a ponta de uma tesoura na nuca do bebê. A seguir, abre a tesoura para aumentar a incisão. No buraco aberto, é introduzido um tubo de succção que aspira o cérebro da criança, causando-lhe a morte. Nesse momento, o crânio se contrai e a cabeça pode passar com mais facilidade pelo colo uterino.

Está terminado o aborto. O tecido do cérebro é então usado em implantes para tratamento de doenças neurológicas.

A prática do aborto a nascimento parcial incrementou a indústria e a comercialização de tecidos e órgãos de bebês uma vez que os órgãos são vendidos intactos.

Os preços segundo as empresas que comercializam partes fetais variam:

pâncreas < 8 semanas = \$ 100;

orelhas < 8 semanas = \$ 75;

coluna vertebral = \$ 325;

cérebro < 8 semanas = \$ 999 (30% de desconto se fragmentado);

cérebro > 8 semanas = \$ 130 (30% de desconto se fragmentado);

glândula pituitária > 8 semanas = \$ 300; etc.

Todas as partes do corpo têm um preço. Os órgãos são embalado em isopor com gelo e enviados pelo correio para centros de pesquisas e de transplantes.

«E nos casos em que o bebê é deficiente?»

Sobre isto diga-se o seguinte:

Imagine-se que um bebê nasce deficiente. Pode-se matar? Se sim, então não se está a discutir o aborto: está-se a discutir a eliminação dos deficientes. E se é esta que está em jogo, então o melhor é defender que se deixem nascer todas as crianças e, se se apurar que são deficientes, matam-se nessa altura. Claro está que algumas deficiências só são detectadas ao fim de alguns dias, de alguns meses ou até de anos.

Por isso, há que legalizar a eliminação de deficientes em todos esses casos. Há também que não esquecer as pessoas que nascem normais mas que em dada altura, por acidente, ficam deficientes. Também a morte dessas deveria ser legalizada. Se, pelo contrário, parece óbvio que um bebê, ainda que profundamente deficiente, não pode ser morto depois de nascer, então tudo se resume a provar porque pode o mesmo ser humano, com a mesma deficiência, ser morto quando está escondido no útero da mãe.

Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz
Presidente do pró-vida de Anápolis
Liderança do Rio-Altas do Mato Grosso

Fonte: <http://www.juntospelavida.org/slogans.html>

Alguém gosta de ter filhos deficientes?

É claro que não. Nisto concordam os pais que aceitam o aborto e os pais que o rejeitam. Simplesmente, uma pessoa não tem o seu direito à vida indexado aos gostos alheios. Também ninguém gosta de ter um filho drogado ou louco e não obstante muitos pais os têm sem que os filhos percam o direito à vida. E a verdade é que muitos deficientes contam-se entre as pessoas mais felizes do mundo.

Em qualquer caso a realidade é esta: «Vós, legisladores, pretendéis falar por nós e legalizar o aborto de deficientes. Mas nós que somos pais dessas crianças e que cuidamos delas, vimos aqui pedir-vos que antes de legislar, “para nosso benefício”, ouçam o que temos a dizer. Nunca houve uma única organização de pais de crianças mentalmente retardadas que tenha aceite ou apoiado o aborto.”

(Sra. Rosalie Craig. Testemunho diante da Legislatura de Ohio USA,1971)

Qualquer pessoa que cuida habitualmente de deficientes, de crianças tão deficientes que a maioria das pessoas nem sonha que existem, sabe que o problema de muitos dos que pedem o aborto de deficientes não está numa má experiência mas sim na mais completa falta de experiência. »

E quando a criança é anencéfala e poderá viver apenas quinze minutos?

Se uma gestante descobre, por um diagnóstico pré-natal, que seu filho é portador de alguma anomalia, por exemplo, a ausência de cérebro (anencefalia), não é correto que ela diga: "eu não quero ter um filho defeituoso".

A frase está mal empregada, pois na verdade ela já tem esse filho. Não está em seu poder deixar de ser mãe, pois ela já é mãe. Se praticar aborto, continuará sendo mãe, embora uma mãe assassina. Isto deve ficar bem claro: o aborto não retira a maternidade da mulher. Apenas acrescenta uma culpa. A criança anencéfala é um autêntico ser humano, como um de nós. Suas células somáticas têm 46 cromossomas, número típico da espécie humana. A deficiência de um órgão, como o cérebro, não a torna "menos humana". Pode-se prever que ela viverá pouco tempo, mas atualmente ela está viva. Se está viva, não podemos matá-la a pretexto de antecipar o inevitável.

A vida é sagrada em si mesma. Seu valor não se mede pela saúde, nem pela sua duração nem por qualquer outra qualidade. Se assim agíssemos, acabaríamos por cometer as mesmas atrocidades dos nazistas, que eliminavam os seres humanos considerados inúteis.

Digo mais: justamente por ser doente, e doente incurável, a criança por nascer deve receber um carinho maior. Após o nascimento, se a família for católica, convém batizar a criança imediatamente, para que receba a graça que Cristo conquistou para nós com seu Sangue, e morra como filha de Deus.

"E nos casos em que a mãe do bebê é demaisiado pobre para o sustentar?"

Se a morte é a solução para a pobreza, então matem-se todos os pobres. Será que não se pode porque se estariam a matar seres humanos, pessoas? Então, basta provar que os filhos dos pobres, enquanto estiverem no útero da mãe, não são pessoas.

Uma mulher que aborta por ser pobre não vai ficar rica depois do aborto. O problema da mulher é a sua pobreza e não a sua gravidez.

A falta de dinheiro resolve-se com dinheiro: não se resolve com morte. Está em causa saber se o ser humano é pessoa ou não.

Dizer que o aborto por razões econômicas tem de ser legal, é dizer que os filhos dos pobres ficam pessoas mais tarde que os filhos dos ricos.

Atualmente só as mulheres ricas têm acesso a um aborto seguro. As mulheres pobres acabam morrendo em clínicas clandestinas. Não seria melhor legalizar o aborto para por fim a essa hipocrisia? Para o bebê o aborto nunca é seguro, mas é 100% letal. Ninguém, seja rico seja pobre, tem o direito de exigir segurança para si ao matar um inocente. Os ladrões não têm direito a um "roubo seguro"; os seqüestradores não têm direito a um "seqüestro seguro"; os homicidas não têm direito a um "homicídio seguro".

Centenas de milhares de mulheres morrem, a cada ano, por causa de abortos mal feitos. Legalizar o aborto não seria uma exigência da saúde pública?

Ainda que fosse verdade que houvesse uma multidão de mulheres mortas a cada ano por causa de "abortos mal feitos", a solução óbvia para evitar essa mortandade seria *não abortar*. Ao invés de legalizar a morte dos inocentes, é preciso valorizar a maternidade e a vida intra-uterina, e dar assistência às gestantes. Isso sim é uma exigência da saúde pública!

Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz Presidente do Pró-Vida de Anápolis

Alega-se habitualmente que a legalização do aborto é necessária para acabar com as mortes que o aborto clandestino provoca.

Sobre isto diga-se o seguinte:

- a) Em 1984 legalizou-se -ou despenalizou-se- o aborto para acabar com o aborto clandestino. Acabou ou não? Se acabou, então não há aborto clandestino! Se não acabou, então está provado que a legalização não acaba com o aborto clandestino.
- b) A legalização do aborto implica -só!!- que o aborto passa a ser legal! Não implica, ao contrário do que se pretende fazer crer, que todas as mulheres vão passar a recorrer ao aborto legal! Umas o farão mas outras nem tanto!

O aborto na Índia é legal há 25 anos e por cada aborto legal fazem-se dez clandestinos. Como se explica isto? Alguém no seu juízo perfeito acredita que uma jovem da província vai abortar ao hospital da terra, quando sabe que o pai ou a prima ou a vizinha trabalham lá? Ou quando pode encontrar nos corredores do hospital dez ou vinte pessoas da sua aldeia? E para a jovem se deslocar a duzentos ou trezentos quilómetros, para abortar sem perigo de ser reconhecida, é necessário que o aborto lhe seja feito sem demora; quer dizer, é preciso que o aborto esteja muito facilitado, livre e a pedido, pois não há condições -nem de tempo nem geográficas nem humanas- para apurar se se verificam os pressupostos de uma lei do aborto (...).

Num estudo realizado nos EUA, 72% das mulheres interrogadas afirmaram categoricamente que se o aborto fosse ilegal nunca o teriam feito. As restantes exprimiram dúvidas sobre se o teriam feito ou não. Somente 4% das interrogadas afirmaram que teriam feito o aborto ainda que ele fosse ilegal.

E para salvar a vida da gestante, é lícito praticar o chamado aborto "terapêutico"?

O aborto é uma prática tão selvagem, que é difícil imaginar que possa trazer algum benefício para a gestante. E realmente não traz. Cito esta frase lapidar da Declaração da Academia de Medicina do Paraguai, de 4 de julho de 1996: "Em casos extremos, o aborto é um agravante, e não uma solução para o problema".

Houve tempo em que os médicos, não tanto por falta de recursos, mas por ignorância, praticavam aborto com o intuito de salvar gestantes vítimas de tuberculose pulmonar, cardiopatias, vômitos incoercíveis, hipertensão arterial e perturbações mentais. Tal aborto, chamado "terapêutico", foi duramente criticado pelo médico legal Costa Júnior em uma aula inaugural na USP que ficou célebre. "Por que ainda o aborto terapêutico?" - perguntava Costa Júnior já em 1965.

Apresentando numerosas estatísticas feitas em gestantes enfermas na década de 50, o professor demonstrava que em nenhum caso o aborto era necessário - e nem sequer útil - para salvar a vida da gestante. Os grupos de gestantes submetidas ao chamado aborto terapêutico tiveram maior índice de óbitos e de agravamentos que as outras que levaram a gravidez adiante.

«O aborto só é perigoso quando é feito sem condições de higiene e por pessoal incompetente. Se o aborto fosse feito em hospitais e por pessoal competente, não haveria mortes.»

Esta premissa é completamente falsa! O aborto é um ataque medonho à saúde da mulher que aborta:

“Poucos riscos em obstetrícia são tão certos como aqueles a que a grávida se expõe quando aborta (...). Uma das razões que mais frequentemente levam as mulheres à urgência de ginecologia, são abortos feitos em clínicas de aborto legais.” ⁽¹⁾

E quais são os problemas a que a mulher se sujeita quando aborta? Entre outros podem-se referir: 20% gravidez ectópica (numa gravidez “desejada” posterior), 8% infertilidade, 14% aborto expontâneo (numa gravidez “desejada” posterior), 5% parto prematuro (numa gravidez posterior), e muitas outras (como hemorragias, febres, coma e morte).

A coroar tudo isto, descobriu-se recentemente que uma mulher aborta hoje e morre daqui a dez anos com um cancro da mama que nunca teria. Só nos EUA morrem 10 000 mulheres por ano com cancro provocado por um aborto. São dez mil mortes reais, dez mil dramas genuínos. ⁽²⁾

(1) Fonte: <http://www.juntospelavida.org/slogans.html>

(2) educandoja.blogspot.com/2008/03

Mas a questão de fundo continua por esclarecer: porque podem uns seres humanos matar outros?

Será que um ser humano é tanto mais pessoa quanto mais perfeito for? Quem não vê é menos pessoa que quem vê? Quem não ouve tem menos direito à vida do que quem ouve? Se assim é, porque será que os defensores do aborto não explicam esta teoria? E se assim não é, se o deficiente e o perfeito têm igual direito á vida, porque pode o bebê deficiente ser abortado e o normal não? E se todos podem ser abortados por igual, porque se trás a questão das deficiências à discussão? E se podem ser abortados por igual, porque existem prazos de aborto diferentes? Será que a personalização dos deficientes é mais lenta que a dos bebê normais?

Testemunhos de vida



“Fui abortada e não morri”

Eu me chamo Gianna Jessen. Gostaria de agradecer pela possibilidade de poder falar hoje. Não é pouca coisa dizer a verdade e depende unicamente da graça de Deus poder fazê-lo. Tenho 23 anos, fui abortada e não morri”.

Começa assim o testemunho de Gianna, nascida na trigésima semana de gravidez, depois de uma tentativa falha de aborto. O feto sobreviveu mesmo com a injeção de uma solução salina no útero e foi expulso, ainda vivo, apesar das 18 horas de exposição à solução. A asfixia causada pela solução salina causou uma paralisia cerebral e muscular na criança. Adotada aos 3 anos, superou as dificuldades motoras causadas pela paralisia e conseguiu caminhar sem ajuda, mas com muita dificuldade.

Menina do Senhor.

Gianna fala de si mesma como a menina de Deus, e diz: “na minha face está escrito: me trate bem porque meu Pai é o dono do mundo”. Porque o amor daquele Pai, ela sente de maneira tão forte dentro de si, que pode ousar dizer: “Sei que falo de coisas desconfortáveis, levando Jesus Cristo em certos ambientes, mas não sobrevivi para fazer com que se sintam cômodos”.

Aleteia

“Abortar minha filha transformou minha vida em um inferno”



Para minha querida anjinha: Lúcia, sei que você está em um bom lugar e que nesse lugar está Deus também. Ele vai cuidar de você até eu chegar aí. Enquanto isso, comporte-se bem. Logo estarei com você. Sérgio, seu pai.”

Estas linhas são um fragmento de uma carta escrita por um homem que, em um momento de confusão e medo, apoiou sua namorada para cometer um aborto e acabar com o “problema”: o nascimento do seu primeiro filho. O que ele nunca imaginou foi que essa falsa saída seria o início de uma tormentosa agonia, que o conduziria a um doloroso caminho, marcado pela culpa, pela solidão e pelo arrependimento.

Sérgio cresceu em uma família unida, com valores e apoiada na religião, mas, ao ficar sabendo que sua namorada estava grávida, pareceu-lhe fácil aceitar os serviços do sistema público de saúde (...) para abortar legalmente: “Eu tinha planos de vida, e um filho naquele momento não era uma opção”.

No caso do Sérgio, os sentimentos de culpa começaram quando os remédios que deram à sua namorada lhe provocaram um sangramento forte, razão pela qual ele teve de levá-la às pressas ao hospital novamente, e comunicar seus familiares sobre o ocorrido.

“Durante o processo que vivi no hospital, nunca me informaram o que poderia acontecer devido a um aborto”, contou. Apenas uma semana após o aborto, a vida do Sérgio se tornou um inferno: “Perdi a autoestima, a confiança em mim mesmo, já não queria fazer nada. Foi um inferno”. Ele teve de enfrentar tudo isso sozinho, pois perdeu sua família, amigos, emprego e, como muita gente ficou sabendo, ele já não saía na rua sem um boné, “porque não queria que me reconhecessem”.

“Eu não estava bem, nem comigo nem com Deus. Foi quando decidi buscar ajuda e assim cheguei ao IRMA, onde me ajudaram a encontrar o caminho do perdão e a valorizar a vida.” Uma parte importante da sua cura, recordou Sergio, ocorreu durante uma Hora Santa, frente a Jesus Sacramentado. Foi lá que pediu perdão a sua filha por tê-la abortado. Sergio entregou a sua filha a Deus e colocou-lhe o nome de Lucía, pois gostaria de ter tido uma menina.

Aos homens que sofrem as consequências do aborto, Sérgio diz: “Vale a pena chorar para colocar para fora a dor interior; procurem ajuda, porque isso é algo que nos corrói por dentro e não nos deixa viver em paz, e pode afetar a relação de casal, a família, a vida espiritual”.



“Escutei o ruído que fez quando o trituravam”, diz jovem arrependida de ter abortado

A modelo paraguaia Adela Alonso recordou em um programa de televisão sobre o aborto que realizou no começo de sua carreira. “Eu abortei. Escutei o ruído que fez quando o trituravam. Não consigo lidar com isso. Não consigo esquecer”, confessou ela. “Me sinto uma assassina”.

“Abortei em um dia 17 de abril, dois dias depois do meu aniversário”, lembrou ela, no reality show *Mundos Opuestos*, enquanto apresentava a sua história de vida. “Foi a coisa mais difícil da minha vida”, disse, entre lágrimas, a modelo de 22 anos. “Mesmo que tenha me confessado, me custa perdoar a mim mesma. Não estou tranquila comigo mesma”. “Perdão, Fausto, ou perdão, Adela”, disse ainda a modelo, olhando para o alto. “Porque se o bebê fosse menino, seria Fausto, e se fosse menina, Adela”.

DE “REI DO ABORTO” A LÍDER PRÓ-VIDA



Fui certa vez ouvir uma conferência dada por um médico norte-americano chamado Bernard Nathanson, que, para começar, pousou as mãos abertas sobre a mesa e disse que aquelas mãos tinham feito muitos milhares de vítimas. Era um homem profundamente arrependido, que corria o mundo procurando resgatar alguma paz interior, um homem perseguido por terríveis remorsos. A utilização de uma nova tecnologia para estudar o feto no útero, quando se tornou diretor de um grande hospital de obstetrícia, fê-lo compreender a enormidade do seu erro.

Sou a favor da vida

Nasceu no dia 31 de julho de 1926 em New York (Estados Unidos) e como obstetra teria se tornado famoso nos anos 60 como “o rei do aborto”. Ele morreu na mesma cidade, em 21 de fevereiro de 2011. Após ter supervisionado ou diretamente praticado cerca de 75.000 abortos (o primeiro foi o que eliminou seu filho, depois que a namorada tinha engravidado), mudou radicalmente de posição e se tornou um líder pró-vida no seu país, e com projeção internacional.

Eu fazia abortos e tirava as crianças do mundo, mas as tensões morais cresciam e se tornavam intoleráveis. Em um andar do hospital assistíamos aos partos, em outro praticávamos abortos. Não tinha nenhuma restrição, podíamos fazer abortos até o nono mês, antes das primeiras dores de parto. Na metade dos anos 60, enquanto em um andar estavam dando uma solução salina hipertônica a uma mulher grávida de 33 semanas, eu esperava no andar inferior uma parturiente de 33 semanas, buscando salvar a vida da criança. As enfermeiras pensaram a mesma coisa: “o que estávamos fazendo, estávamos salvando crianças ou assassinando-as?”.

UM FATO PITORESCO E TREMENDO

Em 29 de junho de 1998 uma jovem de 17 anos foi submeter-se a um aborto por nascimento parcial na clínica abortista A-Z Women's Center, em Phoenix, Arizona, EUA. A criança estava na 37^a semana, ou seja, aproximadamente nove meses.

O médico John Biskind, puxou a criança pelas pernas e tentou perfurar a nuca para aspirar-lhe o cérebro. Quando tentava matá-la, eis que ela saiu totalmente do ventre materno. O bebê, uma menina, que antes era uma coisa, passou subitamente a ser gente. O médico, que tinha iniciado o assassinato, não pôde terminá-lo. A menina nasceu totalmente (e não parcialmente) com quase três quilos. Apesar da fratura de crânio e das lacerações profundas em seu rosto provocadas pelos instrumentos usados para o aborto, ela sobreviveu. Converteu-se em um símbolo pró-vida e foi adotada por um casal do Texas.

E o que acontece na China comunista?

“Mãe forçada a abortar feto de 7 meses gera polêmica na China”

Ela foi obrigada a abortar por não poder pagar multa do país por ter o 2º filho. Marido alega que ela foi obrigada a assinar acordo para fazer procedimento.

O caso de uma mãe de 25 anos forçada pelas autoridades a abortar um feto de mais de sete meses de gestação causou polêmica na China, após uma foto da mulher abatida na cama de um hospital junto ao corpo do bebê morto ser amplamente divulgada.

Jianmei Feng foi detida durante três dias na província de Shaanxi e obrigada a abortar por já ter uma filha de cinco anos e não poder pagar a multa que o regime comunista impõe por um segundo filho, explicou seu marido, Deng Jiyuan, citado pelo jornal "Global Times".

Deng também alega que sua mulher foi obrigada a assinar um acordo para abortar contra sua vontade.

As acusações do casal contradizem o comunicado emitido pelas autoridades locais, que negam os fatos. O regime comunista abriu uma investigação sobre o ocorrido.

Embora o caso tenha ocorrido há duas semanas, as impactantes fotos da mãe com o feto foram publicadas nesta quarta-feira na internet e causaram indignação popular.

O caso acumula até 500 mil comentários nas redes sociais, entre os quais estão os do próprio marido, Deng Jiyuan, que afirmou que lutará "até o fim" por seus direitos: "a questão não é somente de uma mulher, mas de todas as crianças chinesas e da liberdade de nascer".